

Como filmar Virginia Woolf?

Sally Potter dirigiu 'Orlando'

Página 6



Rio de Janeiro — Sexta-feira, 28 de maio de 1993

B

Não pode ser vendido separadamente

ÍNDICE

Supersônicas.....	2
Passatempos.....	2
Zóximo.....	3
Era Getúlio na TV.....	4
Crítica: 'O baile'.....	4
Teatro de rua italiano.....	4
DJ bate recorde no ar.....	4
As girias baianas.....	5
Música erudita brasileira.....	5



O público não tem acesso ao conteúdo dos cadernos que estão expostos no Centro Cultural Banco do Brasil. Neles, estão revelados os estudos de Ivan Serpa e toda a transformação pela qual sua obra passou. Se os cadernos fossem desmembrados, o preço total dos desenhos alcançaria US\$ 25 mil

Rascunho genial

Cadernos revelam transformações na obra de Ivan Serpa

MARÍLIA MARTINS

HÁ um pequeno tesouro que quase passa despercebido a quem frequenta a retrospectiva de Ivan Serpa (1923-1973) no Centro Cultural Banco do Brasil. São dois cadernos de desenhos, emoldurados com capas de couro, de um colecionador particular não-identificado. São os dois únicos cadernos de desenhos que ficaram intactos, dos quatro produzidos pelo artista em seus 50 anos de vida. Os cadernos estão abertos, dentro de uma vitrine fechada. O JORNAL DO BRASIL mostra, em primeira mão, alguns dos desenhos escondidos de Serpa, que o público não pode ver nessa espetacular retrospectiva.

Por que tanto interesse por dois cadernos de estudos? Porque neles se pode acompanhar, em detalhes, a transformação da obra deste artista excepcional, do abstracionismo geométrico dos primeiros anos, ao informalismo e ao figurativismo expressionista da *Fase Negra* de 1964. "Trata-se de uma das mais impressionantes reviravoltas estéticas da arte brasileira, que sinalizou rumos que influenciaram todas as gerações seguintes", diz o crítico Reynaldo

Roels, curador da mostra em parceria com Fábio Settimi.

Ivan compôs apenas quatro cadernos de estudos em sua carreira. Dois deles foram desmembrados, a fim de que os desenhos fossem vendidos a colecionadores separadamente. Os outros dois foram rastreados pelos curadores, ao longo da pesquisa de quase um ano que envolveu a preparação da mostra. "O colecionador que detém esses dois tesouros não quis se identificar, por conta da insegurança dos tempos de hoje", explica Roels. Não é para menos. Um dos cadernos contém 54 desenhos, feitos com guache e nanquin, compostos entre 1961 e 1962. O outro tem 52 desenhos, também feitos com guache e nanquin, de 1962. Para que se tenha uma idéia do valor comercial, basta dizer que um desenho de Serpa não sai por menos de US\$ 500, o que dá um total de cerca de US\$ 25.000 para cada caderno.

Os cadernos se compõem de estudos para telas. A grande maioria, porém, não chegou a se transformar em telas. "Nesses cadernos, Serpa produziu, na verdade, obras autônomas, tão valiosas do ponto de vista artístico quanto suas telas, que se assemelham remotamente aos desenhos", avalia Roels. É assim que se vai surpreendendo os modos pelos quais Serpa foi retrabalhando seu repertório de artista geométrico rumo ao informalismo (exemplificado na série *Anóbios*, de 1962, de desenhos sobre

cartões comidos por cupins, aproveitando o traçado dos insetos).

Os primeiros desenhos partem de um grafismo geométrico: são estudos de fundo e forma que trabalham linhas retangulares e simulam volumes. Em seguida, as linhas se tornam irregulares, viram manchas de cores sóbrias em combinações que tomam por base o preto e branco. A atenção dada às manchas vai, aos poucos, mudando de foco, até que deixam entrever uma clara tendência figurativa. As formas humanas e animais que transitaram pelas séries *Bichos*, de 1963, e *Mulher com bichos*, de 1965, parecem encontrar nesses estudos seus primeiros modos de aparição no imaginário de Serpa.

O mais notável desta fase de experimentação bulímica, porém, se encontra no estudo de cores. Guaches e nanquin reduzem drasticamente o espectro cromático: são poucas as cores — vermelhos, amarelos, ocres, terras, cinzas, pretos e brancos — trabalhadas no sentido de aumentar os pólos de contraste, com um resultado dramático. É como se, entre 1961 e 1962, Serpa afinasse os recursos que lhe permitiriam, no horror de 1964, compor as figuras sufocantes de sua *Série negra*, a mais dramática série de telas da história das artes plásticas brasileiras. Esses despreziosos estudos de Serpa se revelam, assim, o grande laboratório onde, por misteriosa alquimia, se desenhavam os traços da visualidade moderna brasileira.

